

O PROBLEMA DO MAL PELA ÓTICA RELIGIOSA

Oswaldo Henrique Hack*

Algumas questões, por mais polêmicas e controvertidas que pareçam, merecem análise e estudo, tendo em vista oferecer ao ser humano uma interpretação compreensível, coerente e a mais fidedigna possível.

Desprezar a presença do mal seria imprudência; ignorá-lo, seria ingenuidade; incentivá-lo, seria insensatez; todavia, supervalorizá-lo significa o caos, a desordem social e a desestruturação do ser humano.

Vivemos sob tensão, diante do medo e sobressalto, por considerarmos a força do mal ameaçadora e incontrolável. Atribui-se às forças malignas tudo o que é desastroso e horripilante. O mal passa a ser a justificativa para a prática da injustiça e das atitudes incoerentes e desumanas. Fracasso e irresponsabilidade são atribuições das forças malignas, procurando-se isentar os infratores.

O mal é algo identificado como força externa ou como algo que se interioriza no próprio ser humano. Muitas vezes, surge como influência direta de um ou vários seres imateriais, opostos ao Deus Criador, ou à divindade principal. É apresentado como oposto ao bem, representado por demônios ou espíritos malignos. Segundo Eliade (1991, p.34):

“As sociedades arcaicas e tradicionais concebem o mundo que as cerca como um microcosmo. Nos limites deste mundo fechado começa o domínio do desconhecido, do não formado. De um lado existe o espaço cosmicizado, habitado e organizado; do outro lado, a região desconhecida e temível dos demônios, dos mortos e dos estranhos, ou seja, o caos, a morte e a noite [...] os inimigos do território habitado e organizado são identificados como as forças demoníacas, que provocam o estado caótico.”

A respeito do imaginário popular sobre o mal, Souza (1993, p.263) fez interessante pesquisa para analisar as diferentes figuras e manifestações do demônio

* Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ou maus espíritos. É atribuído ao demônio tudo o que causa desordem, desgraça, doença e morte. Não há explicações racionais, filosóficas, sociológicas ou teológicas, mas há uma fantasia no imaginário popular, rica em figuras, cores e símbolos.

Os ensinamentos religiosos judaico-cristãos, bem como as interpretações de outros grupos religiosos, tratam do problema do mal nos relacionamentos com as divindades e na convivência humana. O mal está presente nos relacionamentos como aquela força desafiadora, provocadora e, muitas vezes, opositora.

Nossa análise se limita ao contexto da Bíblia Sagrada, entendendo que há inúmeras interpretações dos diferentes grupos religiosos. Mesmo tendo como referencial a Bíblia Sagrada, queremos nos ater aos conceitos judaico-cristãos.

1 Mundo judaico-israelita

Os registros histórico-religiosos do mundo judaico-israelita, como objeto de nossa análise, são aqueles contidos nos textos hebraicos, comumente conhecidos como Antigo Testamento.

Estudiosos e críticos que se debruçam a estudar a origem e natureza do mal encontram algumas dificuldades nos registros hebraicos. A primeira delas refere-se ao monoteísmo bíblico, que não admite a emergência de outras figuras divinas. Em segundo lugar, há dificuldade porque existem várias palavras e contextos que falam da presença da força opositora e inimiga diante do Javé, Deus judaico-israelita. O contexto de Satanás ou Mal evoluiu com o tempo, com a influência da magia, religiosidade popular, divindades assírias, babilônicas, medo-persas. Em toda a evolução histórica, procurou-se identificar as forças opositoras a Javé como manifestações e provocações do arquiinimigo, Satanás ou Demônio.

Satanás é identificado como aquele que é contra, obstrui e age como adversário. Vem da raiz hebraica *sātān*. O termo diabo vem do grego *diábolos*: aquele que atira alguma coisa no caminho de alguém, com o intuito de atrapalhar ou desviar (Pagels, 1996, p.66).

Nos registros bíblicos, o mal é associado a um ser que se opõe ao Deus Javé, na condição de Deus, por querer imitá-lo. O mal se identifica com a idéia do pecado e com a infidelidade a Javé.

¹⁵ Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal;

¹⁶ se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o Senhor, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra à qual passas para possuí-la.

¹⁷ Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires,

¹⁸ então, hoje, te declaro que, certamente, perecerás; não permanecerás longo tempo na terra à qual vais, passando o Jordão, para a possuíres.

¹⁹ Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência,

²⁰ amando o Senhor, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele, pois disto depende a tua vida e a tua longevidade; para que habites na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.”¹

Na observação de Hamilton, “A religião bíblica é incapaz de conciliar a si mesma com a idéia que existia um poder no universo, que desafia a autoridade de Deus, e que poderia servir de antideus, o símbolo e a fonte do mal”(1992, p.985-9).

O judaísmo do pós-exílio, que significou a reconquista da terra e o retorno às origens histórico-cultural-religiosas, ofereceu novos conceitos de Satanás, com a influência das religiões dos povos que dominaram tanto o Reino do Norte – Israel, como do Reino do Sul – Judá. O mal passa a ser personificado em Satanás, que desenvolve o papel de acusador e espião entre os seres humanos, para induzi-los ao pecado e à desobediência. Satanás vem a ser considerado o adversário e inimigo de Deus. Há um confronto entre dois reinos: céus e inferno; um confronto entre deuses: Javé e Satanás.

2 Mundo grego

A dominação grega (a partir de 323 a.C., com Alexandre, o Grande) buscava a conquista socioeconômica e cultural dos povos. O objetivo último era “formar um só povo”.² Os reflexos se fizeram sentir entre os judeus que desfrutavam da reconstrução da cidade, do templo, dos muros, e Jerusalém voltava a ser o centro político-religioso do judaísmo. A crise mais aguda eclodiu com Antíoco IV Epífanes (168 a.C.), que impôs costumes pagãos na Judéia e em Jerusalém, profanando o templo e obrigando o povo a oferecer sacrifícios aos deuses pagãos. A cultura helênica imposta criou divisões, provocou guerras e revoltas, descritas nos livros de Macabeus, período interbíblico.³

No fervor dos conflitos étnico-culturais e religiosos, buscou-se uma justificativa para a traição dos judeus, os quais tornaram-se helenistas assimilando a cultura grega. Alguns estudiosos identificam a descrição do Livro de Enoque como a interpretação dos anjos caídos. Descreve Enoque que duzentos anjos vigilantes, nomeados por Javé para supervisionar o universo, decaíram do céu e casaram-se com mulheres humanas. Esta união produziu filhos bastardos, os *nephilim* (decaídos), dos quais surgiram os espíritos demoníacos. A descrição semelhante está contida no livro de Gênesis, embora não mencione o problema de anjos caídos:

⁴¹ Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhe nasceram filhas.

¹ Livro de Deuteronômio: A vida ou a morte (30: 15-20). In: *Bíblia de Estudo de Genebra*, p.235-6.

² Livro de I Macabeus 1,41. In: *Bíblia de Jerusalém*.

³ Os livros de Macabeus não constam do cânon sagrado dos judeus. Não constam também das Bíblias protestantes, que foram traduzidas do hebraico. Os Macabeus são encontrados nas Bíblias católicas (ver Tricoa, 1995).

² vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhe agradaram.

³ Então, disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.

⁴ Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antigüidade.

⁵ Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração;

⁶ então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.⁴

A mitologia grega acrescentou esta nova interpretação sobre a origem do mal, entendendo que a caída dos anjos originou todos os males da terra.

Lembremos o registro de Enoque:

“Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los; vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso de cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e arte das tintas. E assim propagava-se uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziram aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos. Semjaza ensinava os encantamentos e as poções de feitiços. Armaros ensinava a dissipação dos encantamentos; Barakabel ensinava a astrologia; Kokabel, a ciência das constelações; Ezekeel, a observação das nuvens; Arakiel, os sinais da terra; Samsiel, os sinais do sol e Sariel, as fases da lua.”⁵

3 O mundo do primeiro século da Era Cristã

Jesus Cristo proclamou os seus ensinamentos e praticou sua vida religiosa no contexto de um mundo mesclado pela cultura helênica-romana e pelas tradições judaicas.

O mundo judaico que Jesus conheceu acreditava ter chegado o tempo da batalha final entre o Messias, com o exército de seus anjos, e Belial, com seus hastes de demônios. A chegada do Messias era a grande esperança judaica. Jesus foi interpelado, bem como os seus seguidores: não é este o Messias? Muitos líderes chamados “messias”, ou ungidos, surgiram, bem como profetas escatológicos, isto é, aqueles que anunciavam futuros acontecimentos.

⁴ Gênesis (6: 1-6). In: *Bíblia de Estudos de Genebra*, p.18.

⁵ ENOQUE. Livro da literatura, pseudo-epigráfico do período que antecedeu a Era Cristã.

O clima de guerra estava no ar. Seria uma batalha decisiva: Messias *versus* Belial. Nos manuscritos encontrados nas cavernas de Qumram, em 1947, no atual Estado de Israel, há documentos que registram as expectativas do primeiro século da Era Cristã. Há manuscritos que contêm as regras para a guerra do Messias contra Belial.

Jesus Cristo viveu no contexto do enfrentamento escatológico. O povo aguardava a implantação do reino do Deus de Israel para superar as manifestações malignas e as invasões cultural-religiosas pagãs que haviam destruído as tradições judaicas, firmadas na história de um povo escolhido e conduzido pelo Deus Javé. O Messias de Javé iria restaurar a ordem, impor a autoridade e purificar os costumes religiosos. O mal, o demônio e seus anjos seriam vencidos e suplantados.

4 Interpretação de Jesus

Na verdade, as forças malignas estavam presentes e atuantes, identificando-se como forças contestadoras e provocadoras dos pronunciamentos de Jesus. O evangelista Marcos registra vários confrontos de Jesus com as forças malignas, quer repreendendo-as, quer expulsando-as.

Jesus reconheceu a presença das forças malignas e as combateu abertamente. Não intimidou-se por causa delas e nem deixou de realizar a sua trajetória como o Messias de Deus.

Observando seus ensinamentos, destacamos algumas citações que podem ajudar o ser humano em sua tumultuada trajetória.

Recordamos que o mal maior, o mais degenerativo e causador da desgraça e miséria humanas, está dentro de nós mesmos.

“não é o que entra pela boca, o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem ... o que sai da boca vem do coração e é isso que contamina o homem ... porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias.”⁶

O ser humano é muito hábil e astuto em procurar justificativas e culpados por seus deslizes e imoralidades. Dificilmente assume a consequência de seus atos irresponsáveis. A frase lapidar de Jesus deve sempre nos advertir “quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra”.

A intenção interior é que alimenta nossos impulsos, decisões e ações. A formação do caráter humano e o embasamento de princípios éticos serão os salvaguardas de nossa sobrevivência num sentido holístico, global.

Da perspectiva cristã, o ser humano é responsável por seus atos e deve assumir suas consequências. As interferências que provocam desvios e interrupções devem ser encaradas como desafios e não justificativas para o fracasso ou a desis-

⁶ Evangelho de Mateus (15, 11, 18-19). In: *Bíblia de Estudos de Genebra*, p. 122.

tência. Assim, as forças malignas são provocações e convites à tentação, uma proposta que contraria os intentos do bem. Todas as vezes que encontramos a figura de Satanás ou Demônio no contexto bíblico, ela é identificada como alguém que age como adversário, obstrui o caminho ou tenta perverter as intenções.

Assim, tanto para Jesus Cristo como para o apóstolo Paulo, as forças do mal são provocativas, mas devem ser encaradas como contrárias aos propósitos do Deus Criador. Paulo afirma que as tentações são humanas, considerando que são suportáveis, e as forças espirituais advindas de Deus são suficientes para superar as tensões e enfrentamentos.⁷

O apóstolo Tiago,⁸ em seus escritos, afirma que nenhuma tentação procede de Deus, mas do maligno. É a própria cobiça ou ambição humana que leva o ser humano a aceitar as provocações e a praticar atos pecaminosos. Deus a ninguém tenta. Jamais podemos dizer “é da vontade de Deus” quando caminhamos para o desastre moral e espiritual.

Precisamos rever nossos conceitos para sabermos discernir as forças malignas que estão em nosso entorno, diariamente, procurando abalar nossas convicções interiores. Nossas convicções direcionam nossas atitudes. O mal manifesta-se no tecido social, prejudica os relacionamentos. Está presente em todos os ambientes e situações, mas não deve ser alimentado nem praticado por aqueles que têm propósitos mais nobres, humanos e solidários. Somos convocados para a convivência fraterna do respeito mútuo, no espírito do serviço comunitário, apoiados pelas forças do bem.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA DE ESTUDOS DE GENEVRA. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.
BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1991.
ELIADE, Mircea. *Imagens e Simbolismo: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
HAMILTON, Victor P. *Satan in the Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.
PAGELS, Elaine. *As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
SOUZA, Laura de Mello. *Inferno Atlântico: demonologia e colonização nos séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.
TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercúrio, 1995. v.3.

⁷ Carta aos Coríntios (1: 10, 13). In: *Bíblia de Estudos de Genebra*, p. 1357.

⁸ Epístola de Tiago (1, 13-15). In: *Bíblia de Estudos de Genebra*, p.1486.